DESCASO / Jovens promoveram aglomeração e desfilaram da 408 até a 413 Norte, em um bloco de carnaval. A maioria dos participantes estava sem máscaras. Evento surpreendeu e gerou protestos de comerciantes e moradores

Desrespeito ao decreto do GDF

» ARTHUR DE SOUZA

Reprodução/Arquivo pessoal



Moradores protestaram contra o desfile do bloco promovido por jovens sem máscara e aglomerados, em plena pandemia

Mesmo com a proibição do Governo do Distrito Federal, por meio de decreto publicado em janeiro, centenas de pessoas se reuniram para desfilar num bloco de pré-carnaval que começou na noite de quinta-feira e só parou na madrugada de ontem, percorrendo várias quadras comerciais da Asa Norte. Comerciantes e moradores da região contaram ao **Correio** que foram surpreendidos pela algazarra e que a concentração do bloco aconteceu na 408 Norte, e passou pela 410 e pela 413.

A Polícia Militar (PMDF) e a Secretaria DF Legal foram chamadas ao local para intervir. A pasta informou que os integrantes não estavam utilizando máscaras no momento da abordagem, além de não estarem respeitando o distanciamento, mas acrescentou que não foi possível identificar os organizadores do bloco. "Para não prejudicar os comerciantes, que não tinham relação com a folia não autorizada, foi solicitado e acordado por eles que os estabelecimentos fechassem enquanto ocorria a dispersão das pessoas, para que não corressem o risco de serem multados", revelou o DF Legal.

Repercussão

Um morador, que não quis se identificar, relatou que a família mora na 410 Norte há 42 anos e considerou o ocorrido como uma falta de respeito. "Vivemos um momento de pandemia, com milhares de pessoas ainda doentes, no hospital ou morrendo, e a gente ficou impressionado com a quantidade de gente que estava ali", comentou. No bloco, ainda de acordo com o morador, poucas pessoas estavam utilizando máscara, confirmando a informação dada pelo DF Legal. "Não é momento da gente estar se aglomerando dessa forma, eu acho que o momento disso acontecer vai voltar, mas, por enquanto, a gente precisa ter consciência, respeito e esperar o momento disso acontecer", lamentou.

O **Correio** procurou um dos estabelecimentos por onde o bloco passou. João Vitor de Oliveira é proprietário do bar e restaurante Recanto Favorito, no bloco D da 410 Norte. O dono do estabelecimento, que está no ponto desde 2017, afirma que não teve nada a ver com o fato. De acordo com João, o bloco estava passando pela quadra e parou em frente ao bar, por cerca de cinco minutos. O proprietário comenta que não concorda com o ocorrido e, desde que a pandemia se instaurou, respeita as normas de saneamento, o distanciamento, além de todas as precauções que são indicadas pelas autoridades de saúde.

Prevenção

João também destaca que não tem segurança de trabalhar na pandemia. "Fiquei extremamente preocupado ontem, quando o bloco passou pela quadra", protestou. O empresário explica que o ocorrido não corresponde à forma de trabalhar do bar. "Todo mundo está passando por esse período de crise, uma pandemia que tirou e está tirando a vida de muitas pessoas. Nós, como uma empresa, temos uma função social, e a gente preza por ela ao máximo", ressalta João. "Qualquer tipo de aglomeração ou evento, que seja irresponsável e traga mais malefícios do que benefícios a nossa comunidade, é fortemente repreendido por nós", frisou João.

Na tentativa de combater as festas clandestinas, o GDF vai intensificar a fiscalização durante o feriado de carnaval. As equipes de segurança e órgãos fiscalizadores, como os agentes da DF Legal, farão uma força-tarefa que contará com policiais civis, militares, bombeiros, agentes do Departamento de Trânsito (Detran) e do DF Legal, da Vigilância Sanitária, do Procon, do Instituto Brasília Ambiental (Ibram) e da Secretaria de Transporte e Mobilidade (Semob).

O que pode e o que não pode?

Proibidos:

- Eventos carnavalescos (pagos ou não), sejam eles bailes, shows, blocos, desfiles ou em bares, restaurantes, casas de festas, casas noturnas, etc;
- Shows e festivais com cobrança de ingresso ou qualquer contribuição do público, ainda que revertida em consumo;
- Bares, restaurantes, boates e casas noturnas que tenham espaço para dança;
- Festas com cobrança de ingresso.

Permitidos:

- Funcionamento de bares com música ao vivo, sem cobrança de ingresso e sem pista de dança;
- Shows, festivais sem cobrança e sem espaço para dança;
- Eventos esportivos, mediante uso de máscara pelos participantes;
- Casas e estabelecimentos de festas (casamento, aniversário ou batizado) sem cobrança de ingressos ou contribuição;
- Festas privadas, em condomínios e residências, sem cobrança de ingresso e/ou qualquer contribuição.

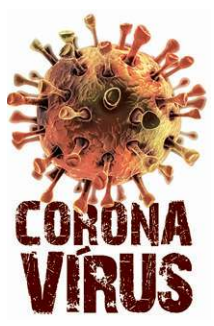
Fonte: GDF

PANDEMIA

Elevado índice de mortes em 2020

» ANA MARIA POL

O Distrito Federal está entre as unidades federativas com maior taxa de mortalidade registrada no primeiro ano da pandemia: foram 1.397 óbitos por milhão de habitantes. O dado faz parte de uma análise do Ministério da Saúde, publicada neste mês, que traça um raio X da pandemia no país no período que vai de 26 de fevereiro de 2020 até 2 de janeiro de 2021. Para especialistas, o resultado do mapeamento é um reflexo da falta de vigilância epidemiológica na capital federal, que sofre, ainda hoje, com a deficiência de políticas públicas relacionadas ao enfrentamento da covid-19.



A análise detalha, ainda, a crise que aconteceu no Complexo Penitenciário da Papuda, que viveu um surto de covid-19 entre 1º de abril e 17 de julho de 2020. De acordo com o levantamento, dos 1.877 casos registrados no período, 1.648 (87,8%) ocorreram entre os integrantes da população privada de liberdade; 201 (10,7%) entre policiais penais; 17 (0,9%) entre profissionais da saúde; e 11 (0,6%) entre trabalhadores de serviços terceirizados. A letalidade geral por covid-19 foi de 0,2%. Para o doutor em saúde pública e professor na Universidade Católica, Roberto José Bittencourt, o estudo revela que não houve medidas eficazes de combate à pandemia.

De acordo com Roberto, existem três modelos de combate à disseminação do vírus, conforme definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS): supressão (isolamento seletivo), contenção (distanciamento social e uso de máscaras, por exemplo) e inação. "O modelo de inação significa deixar a infecção acontecer e, através da contaminação ou imunidade em massa, as taxas caem. À medida que as pessoas ficam doentes, o sistema de atenção hospitalar entra em ação", diz.

O especialista avalia que no DF houve falta de vigilância epidemiológica. "Nós tínhamos, todos os dias, o levantamento de casos e óbitos no DF. Os agentes das UBSs tinham que ser notificados e as equipes deveriam visitar essas pessoas contaminadas, realizar o isolamento e, dessa forma, fazer a supressão e contenção do vírus. Mas isso não foi feito", lamenta.

Para Roberto, ainda hoje colhemos as consequências das altas taxas registradas no primeiro ano de pandemia. As consequências biológicas são as sequelas, mas há também o ponto de vista coletivo. "A economia não consegue se reestruturar, são ondas e ondas de contaminação que afastam as pessoas das ruas, da convivência, de uma economia que precisa se reerguer", aponta. Ele diz que é preciso que o governo aja. "Nenhuma sociedade vai se reerguer sem a participação do governo, e ele existe para isso. Para quando houver uma tragédia, providenciar uma forte ação estatal. Muitas lições ficaram, do ponto de vista individual, de política, de saúde, de estrutura hospitalar, de turbinar a atenção básica, reestruturar a vigilância epidemiológica", completa.

Ed Alves/CB



Sara Mota lamenta perda do padrinho para a covid-19

Óbitos por milhão de habitantes em 2020

Sul	
1º) Rio Grande do Sul	782
2º) Santa Catarina	730
3º) Paraná	695
Sudeste	
1º) Rio de Janeiro	1.475
2º) Espírito Santo	1.258
3º) São Paulo	1.011
4º) Minas Gerais	565
Nordeste	
1º) Ceará	1.090
2º) Sergipe	1.078
3º) Pernambuco	1.006
4º) Paraíba	914
5º) Piauí	868
6º) Rio Grande do Norte	847
7º) Alagoas	747
8º) Maranhão	634
9º) Bahia	615
Norte	
1º) Amazonas	1.266
2º) Roraima	1.247
3º) Amapá	1.076
4º) Rondônia	1.016
5º) Acre	892
6º) Pará	830
7º) Tocantins	779
Centro-Oeste	
1º) DF	1.397
2º) Mato Grosso	1.269
3º) Goiás	957
4º) Mato Grosso	840

O **Correio** procurou a Secretaria de Saúde e questionou acerca das medidas adotadas durante o período de 2020. Até a publicação da reportagem, a pasta não havia se pronunciado.

A família da psicóloga Renata Teixeira, 38 anos, viveu de perto os rastros que a pandemia deixou. Além de ser contaminada no pós parto, ela sofreu o luto de perder o padrinho para a doença, em maio do ano passado. "Foi um momento muito difícil porque aconteceu no auge dos casos do ano passado, não tinha mais vagas nos hospitais para UTI", diz. Ela lembra que a família se mobilizou para buscar uma vaga na unidade de tratamento intensiva, e o padrinho ficou cerca de 50 dias internado. "Ele faleceu no dia do meu aniversário. A perda foi um baque para todos nós porque ele era um homem forte, e infelizmente a vacina não chegou em tempo pra ele. Se ele tivesse se vacinado estaria aqui, com certeza", lamenta.

Renata conta que após todo o sofrimento da família, fica o sentimento de impotência, dor e raiva. "Como o governo se despreocupou em fazer a parte dele. Tudo poderia ter sido diferente para muitas famílias. Assim como para minha. Fica um vazio.

A estudante universitária Sara Moreira Mota, 22, conta que também se contaminou com o vírus. No final de setembro do ano passado, recebeu o diagnóstico. "Amanheci num sábado cedo desconfiando da minha temperatura e vi que era febre. Tive um mal estar horrível, dores no corpo e resolvi fazer o teste", recorda. Ela diz que os sintomas foram leves. "A vacina serve como atenuante de sintomas, e, por isso, a sua importância. As pessoas se descuidam, o que acaba não ajudando em nada a situação da nova variante", completa.

Presídios

Já é sabido que o novo coronavírus pode se espalhar amplamente em ambientes confinados como as instituições penais. O sistema prisional do DF, por exemplo, viveu um surto de covid-19 em 2020. Segundo o epidemiologista Wildo Navegantes de Araújo, a ocorrência destes surtos se dá pelas falta de iluminação por incidência solar, umidade, falta de distanciamento e dificuldade de implementação das demais medidas de controle da pandemia.

Ele compara a transmissibilidade da covid-19 a "uma faísca em gasolina". "A doença se dissemina muito rapidamente, podendo demandar leitos clínicos e de UTI, em espaço curto de tempo. Seja para a massa prisional, seja para os profissionais que trabalham no sistema, além de familiares que os visitam", ressalta.

A reportagem procurou a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seape). Até a publicação da reportagem, a pasta não se pronunciou.

Menor taxa de transmissão do ano

» RAFAELA MARTINS

A taxa de transmissão do novo coronavírus caiu pelo décimo segundo dia e chegou a 0,74, de acordo com o Boletim Epidemiológico divulgado ontem pela Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF). O número demonstra que um grupo de 100 pessoas contaminadas pode infectar outras 74. Quando o índice está abaixo de 1, aponta controle da pandemia.

Em 24 horas, a pasta notificou 11 mortes em decorrência da covid-19. Ao todo, 11.409 mil vítimas morreram na capital do país desde o início da pandemia. Destas, 984 residiam em outro estado, sendo 846 de Goiás e 138 de localidades não informadas.

A média móvel de infecções está em 1.887, o que representa queda de 62% em relação a 14 dias atrás. Já a média móvel de óbitos está em 13 — aumento de 4%, indicando estabilidade.

Segundo a Secretaria de Saúde, nas últimas 24 horas, 929 novos casos positivos para covid-19 foram registrados e o total de infectados chegou a 680.841. A secretaria contabiliza que mais de 606 mil são moradores do DF, 35 mil de Goiás, 8 mil de outros estados e 29 mil estão em investigação.

A 1ª dose foi aplicada em 2,4 mil pessoas, e 2,2 milhões já têm o ciclo vacinal completo. Já foram aplicadas 926.181 doses de reforço. E 139.252 crianças de 5 a 11 anos já estão vacinadas.